



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**DANDARA FRANCISCO SOARES**

**A INSERÇÃO E A PERMANÊNCIA DOS ESTUDANTES QUILOMBOLAS NA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, CÂMPUS ARRAIAS/TO.**

**ARRAIAS/TO**

**2019**

DANDARA FRANCISCO SOARES

A INSERÇÃO E A PERMANÊNCIA DOS ESTUDANTES QUILOMBOLAS NA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, CÂMPUS ARRAIAS/TO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Universidade Federal do Tocantins,  
“Professor Doutor Sérgio Jacintho Leonor”,  
como exigência para obtenção do título de  
Licenciada em Pedagogia, sob a orientação  
do Prof. Dr. Erasmo Baltazar Valadão.

ARRAIAS/TO

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

F819i Francisco Soares, Dandara.  
A Inserção e a Permanência dos Estudantes Quilombolas na  
Universidade Federal do Tocantins, Campus Arraias/TO. / Dandara  
Francisco Soares. – Arraias, TO, 2019.  
37 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –  
Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2019.

Orientador: Erasmo Baltazar Valadão

1. Inserção. . 2. Permanência . 3. Quilombolas, Ensino Superior.  
4. Resistência. I. Título

**CDD 370**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de  
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que  
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime  
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

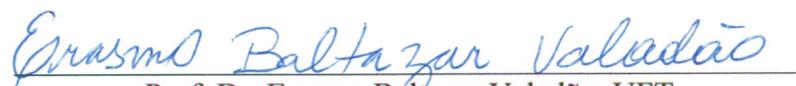
**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da  
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

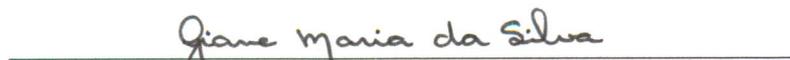
DANDARA FRANCISCO SOARES

**A INSERÇÃO E A PERMANÊNCIA DOS ESTUDANTES QUILOMBOLAS NA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, CAMPUS ARRAIAS-TO**

Trabalho submetido ao Colegiado do  
Curso de Pedagogia da Universidade  
Federal do Tocantins, Campus  
Universitário de Arraias, em  
cumprimento parcial para obtenção do  
título de Pedagoga à Dandara Francisco  
Soares.

Data de aprovação: 26/06/2019

  
Prof. Dr. Erasmo Baltazar Valadao, UFT  
Orientador

  
Profª Drª Giane Maria da Silva, UFT  
Professora Avaliadora 1

  
Profª Drª Márcia Cristina Barreto Ferreira de Abreu, UFU  
Professora Avaliadora 2

Arraias-TO, 2019

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser meu guia em todos os momentos da minha vida.

Dedico a minha mãe Joana Soares, por ser essa pessoa incrível, que desde sempre lutou por mim e por meus irmãos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha mãe Joana Soares que durante toda minha vida buscou me proporcionar o melhor, sendo uma pessoa guerreira e de caráter.

Ao Prof. Dr. Erasmo Baltazar que embarcou nessa jornada, compartilhando seus saberes e me encorajando a mostrar meu potencial.

Agradeço meus irmãos Alan e Wanderson Soares por me darem força nessa caminhada.

Agradeço meu namorado Douglas Silva por me estimular todos os dias na conquista meus objetivos.

Agradeço às minhas primas Janiza Castro, Reijane Soares, que me deram apoio durante os momentos de dificuldade.

Aos meus amigos da vida toda, Larissa, Rogério, Lauana, Maraynne e Katiane, que me deram apoio nessa jornada.

Agradeço a todos da minha comunidade quilombola Kalunga do Mimoso.

*Não há saber mais ou saber menos: Há  
saberes diferentes.  
Paulo Freire*

## RESUMO

O presente trabalho analisa quais são os processos de inserção e permanência dos acadêmicos das comunidades quilombolas Lagoa da Pedra e Kalunga do Mimoso, especificamente na UFT, Câmpus de Arraias/TO, averiguando o papel da educação superior na formação desses estudantes. O instrumento metodológico aconteceu a partir de uma abordagem qualitativa, com questionamentos direcionados a um grupo de sete estudantes quilombolas deste Câmpus. Constatou-se com a pesquisa que apesar das adversidades enfrentadas ao longo do percurso educacional desses estudantes remanescentes quilombolas conseguem vencer as expectativas abrindo a porta para outros estudantes na mesma situação.

**Palavras-Chave:** Inserção, Permanência, Quilombolas, Ensino Superior, Resistencia.

## **ABSTRACT**

The present work analyzes the processes of insertion and permanence of the academics of the quilombola communities Lagoa da Pedra and Kalunga do Mimoso, specifically at UFT, Campus de Arraias / TO, investigating the role of higher education in the formation of these students. The methodological instrument came from a qualitative approach, with questions directed to a group of seven quilombola students from this Campus. It was found with the research that despite the adversities faced along the educational path of these remaining quilombolas students can overcome expectations opening the door for other students in the same situation.

**Keywords:** Insertion, Permanence, Quilombolas, Higher Education, Resistance.

## LISTA DE SIGLAS

CQ Comunidades Quilombolas

FCP Fundação Cultural Palmares

MEC Ministério da Educação

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL DE ARRAIAS.....</b>	<b>12</b>
2.1	Características do município de Arraias.....	13
2.2	Arraias e a marginalização social.....	14
2.3	Comunidade remanescentes Quilombolas.....	17
2.4	Lagoa da Pedra e Kalunga do Mimoso.....	18
2.4.1	Características da Comunidade Lagoa da Pedra.....	19
2.4.2	Características da Comunidade do Kalunga Mimoso.....	20
<b>3</b>	<b>CAMINHOS ATÉ A EDUCAÇÃO SUPERIOR.....</b>	<b>23</b>
3.1	Quilombolas na UFT- Câmpus de Arraias.....	25
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA.....</b>	<b>28</b>
4.1	Questionamentos da pesquisa.....	28
4.2	Resultados da Análise.....	29
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta monografia investigou o processo de inserção e permanência dos estudantes remanescentes das comunidades quilombolas Kalunga do Mimoso e Lagoa da Pedra, na Universidade Federal do Tocantins, campus de Arraias, partindo do contexto sócio-histórico-cultural dessas regiões.

Para obter uma análise do processo de formação dos estudantes quilombolas; partiu-se da trajetória de ensino desses sujeitos, desde a oferta nas comunidades até a inserção desses estudantes no ensino superior, especificamente na Universidade Federal do Tocantins, Campus de Arraias.

Segundo Valadão e Cerqueira (2018, p.22) “Fazer essa instituição inserir-se na vida da população e compreender a materialidade dessas vidas, com as contingências a que estão submetidas, constitui o grande desafio dessa universidade nesse Campus.” Desta maneira, é necessário partir da realidade dos sujeitos que estão inseridos nesse processo, enfrentando exclusão e pouca oportunidade de ter acesso ao ensino superior.

Tendo como conjectura que as comunidades quilombolas possuem uma cultura riquíssima desenvolvida por meio da oralidade, preservando assim as tradições e crenças herdadas dos seus antepassados e as repassando para as gerações futuras. Dessa forma, a família constitui um dos pilares dessas comunidades, que possuem a agricultura de subsistência como fonte de sustento, atividade que requer a colaboração de todos.

O fascínio pelo tema surgiu pela preocupação em relação às dificuldades dos alunos oriundos das comunidades remanescentes quilombolas durante seu processo de inclusão no ensino superior.

Nessa perspectiva, a educação surge como um instrumento de luta dentro das comunidades quilombolas, apesar de na maioria dos casos os afazeres da roça tomam seu espaço (muitos estudantes dentro das comunidades quilombolas largam os estudos, para se dedicarem aos afazeres diários da vida no campo). As escolas

nessas comunidades contam com um sistema multisseriado de ensino, no qual é uma sala com um professor para atender alunos de diferentes séries.

Recentemente, foi implantada a primeira turma do ensino médio na comunidade Kalunga do Mimoso, uma antiga reivindicação, que tem como objetivo preencher uma lacuna da continuação do ensino dentro comunidade, crescendo a possibilidade dos alunos concluírem a educação básica, e possivelmente, ingressarem no ensino superior. A metodologia abordada neste trabalho foi de cunho qualitativo, a partir de questionamentos levantados a um grupo de sete acadêmicos quilombolas que estão cursando ou já concluíram algum curso na Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Arraias.

A partir desse contexto, aponta-se a importância das políticas públicas para o desenvolvimento e manutenção dos direitos e das demandas dentro das comunidades quilombolas. O presente trabalho fundamentou-se nos seguintes autores: Valadão e Cerqueira (2018), Candau (2005), Arroyo (2009), Baiocchi (1999), Cordeiro (1989), Moura (2012), Teske (2008), Farias (2005), Richardson (1999), Lopes (2008), Oliveira (2010), Oliveira (2006), Freire (2005 e 2011); Autores que reforçam todo esse processo de desenvolvimento deste trabalho.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL DE ARRAIAS

A cidade onde a Universidade Federal do Tocantins está inserida é Arraias, um pequeno município que, de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do ano de 2018, a população é de 10.601 habitantes. Possui lindas colinas, cachoeiras, becos e ruas estreitas, inúmeras ladeiras e cercas de pedras que contornam toda a cidade e, segundo relatos de alguns de seus moradores, são marcadas pelo sangue e suor dos escravos explorados nessa região no período do ciclo do ouro iniciado na Chapada dos Negros. Segundo Cordeiro (1989) a partir da destruição de inúmeros quilombos ao logo do território brasileiro, um acanhado conjunto de negros fixaram-se na região denominada Chapada dos Negros. Um período de importância para a formação do município de Arraias. “Nasceu no berço do ouro, tendo por Padroeira Nossa Senhora dos Remédios, a Virgem Mãe de Deus, que a protege.” (CORDEIRO, 1989, p.11).

Cordeiro (1989),

Em Arraias, demorou-se mais, escolhendo o local, transferindo o Arraial da Chapada dos Negros para onde está hoje Arraias, em virtude de ali contar com excelentes águas: Córrego Rico e Maravilha, o que faltava lá. Auxiliado por Domingos Pires, fez traçar o arruamento e, com ajuda do capitão Felipe Antônio Cardosos e dos escravos, fundou-se o povoado, que tomou o nome de Arraias. (CORDEIRO, 1989, p. 12)

Desta maneira segundo Cordeiro (1989), o período de formação deste município foi caracterizado pela presença do ouro e da força do trabalho escravo. Apolinário (2007, p. 70) reforça que “Traçando um perfil geral da paisagem social nortista do século XVIII, ressalta-se a presença de uma pequena elite de mineiros, comerciantes e criadores de gado, em detrimento da grande maioria de pessoas marginalizadas: escravos, forros, indígenas e faiscaidores.”

De acordo com Cordeiro (1989, p.16) “Arraias povoou-se rapidamente. De suas antigas construções conservam-se ainda hoje, paredões da Matriz, sobre os quais se ergueu a atual igreja, com nova arquitetura.” Nos dias atuais, a cidade ainda conta com a igreja da matriz, rodeada por alguns casarões com características da época, espalhados pelo centro da cidade, onde reúnem as famílias tradicionais de renome.

De acordo com Valadão e Cerqueira (2018),

Pretender a compreensão de uma idade de 277 anos de existência é lançar-se a inúmeras possibilidades de interpretação dos acontecimentos guardadas nas memórias coletivas, onde os saberes expressam alteridade de sujeitos muitas vezes invisibilizados. (VALADÃO; CERQUEIRA, 2018, p.60).

Assim, compreender este município histórico deve levar os pesquisadores a buscar nas memórias coletivas de seus habitantes os acontecimentos que a fizeram ter as características atuais.

## **2.1 Características do município de Arraias**

O centro da cidade, atualmente, concentra a parte comercial com os maiores mercados, uma agência do Banco do Brasil, Banco Bradesco e uma agência Lotérica da Caixa, farmácias, a Câmara dos Vereadores, rodoviária, posto de saúde um anexo da prefeitura e uma escola, o colégio Estadual Professora Joana Batista Cordeiro o antigo Instituto Nossa Senhora de Lourdes, está marcado na história desde município. Valadão e Cerqueira (2018, p.119) reforçam que “[...] contou com a contribuição significativa das irmãs Dominicanas por meio do Instituto Nossa Senhora de Lourdes, implantado em 1958, onde oferecia uma educação de qualidade[...]”, nessa época essa região sofria com os altos índices de analfabetismo. Retomando as características da parte central da cidade, ela conta com uma praça onde está localizada a igreja matriz marco da religiosidade católica de Arraias, e com a Praça do Coreto e o Clube Social Arraiano.

Para chegar ao centro da cidade as pessoas que moram a margem ou em outros bairros mais afastados e que por sua vez não possuem um meio transporte, para resolverem algo terão que andar longas distâncias: Por exemplo do câmpus da UFT até o centro são aproximadamente 2 km, com a cansativa caminhada de sobe e desce de ladeiras. É no centro da cidade que está localizado o Clube Social Arraiano, lugar onde realiza-se a grande parte dos eventos sociais do município.

Partindo do pressuposto que o clube social Arraiano é um local que evidencia a divisão de classes sociais em Arraias, onde na maioria das vezes são feitas festas

temáticas organizadas por pessoas com poder econômico elevado, uma vez que o aluguel do mesmo é de aproximadamente um salário mínimo, havendo um contraste com o poder socioeconômico da população que, segundo o IBGE, em 2010, cerca de 46,5% da população tem renda de aproximadamente meio salário mínimo em relação a pessoas com algum tipo de ocupação. De acordo com o último censo de 2016 é de 6,7% do total da população que exerce alguma atividade remunerada, então faz-se a indagação: para que e quem ele realmente serve?

Arraias é um município com uma enorme dificuldade de desenvolvimento econômico, pois ao longo de quase três séculos de existência enfrenta um alto índice de pessoas desempregadas. Outra singularidade do processo de desemprego em Arraias é a politicagem, onde para ter um emprego neste pequeno município interiorano, mesmo com as qualificações necessárias, deve-se conhecer pessoas influentes da cidade para fazer uma “ponte”.

A intenção em conhecer o contexto sócio-histórico cultural desta região implica necessariamente na incorporação da cultura como elemento de luta, percebe nela os elementos contra-hegemônicos para a sobrevivência de grupos que enfrentaram a adversidade e conseguiram sobreviver. (VALADÃO; CERQUEIRA, 2018, p.60)

Arraias é vista como um município de potencial histórico riquíssimo, mas que não conseguiu alcançar o desenvolvimento para suprir as necessidades da população em geral. De acordo com Valadão e Cerqueira (2018), é preciso ter o cuidado para que as mazelas manifestadas no dia a dia dos moradores relacionadas às inseguranças históricas não atribuam marcas negativas nesta população.

## **2.2 Arraias e a marginalização social**

Segundo Freire (2005, p.85) “Mas, estar fora de, à margem de, implica necessariamente num movimento daquele que se diz marginalizado em direção ao que é o centro em relação a periferia.”

A cidade de Arraias é dividida socialmente ao longo das suas ruas estreitas, dos bloquetes ao asfalto, do centro da cidade ao Buritinho que por sua vez, acaba

sendo um bairro vetado por inúmeros moradores da cidade. Para Valadão e Cerqueira (2018),

Em Arraias isso fica evidente em um bairro chamado Buritizinho, que é situado próximo ao câmpus da Universidade e constituído, na maioria por trabalhadores vindos do campo. Outro fator que precisa ser enfrentado é a perda de protagonismo que essas populações exerceram na história do antigo norte goiano. Suas contribuições para a formação e constituição desta região do país. (VALADÃO; CERQUEIRA, 2018, p.69)

Este município carrega uma herança de preconceitos e preceitos passados ao longo de gerações, uma vez que o patrão não se sente à vontade de encontrar-se no mesmo ambiente que o empregado. Onde muitos moradores têm os pressupostos de não se sentirem dignos de estar em determinados ambientes, por não terem condições financeiras ou por serem da zona rural ou ainda por falta de estudo. A universidade entra como um exemplo disso, inúmeras pessoas têm receio de adentrar na instituição, de participar de eventos dela, por estarem amarrados em conceitos de inferioridade. Desta maneira há diversas situações que reforçam as situações de opressão neste município. Uma linha histórica de exclusão entre pessoas de diferentes profissões, de diferentes bairros da cidade, das pessoas do centro urbano com as pessoas da zona rural.

Segundo Freire (2005)

O desprezo por si mesmo é outra característica do oprimido, que provém da interiorização da opinião dos opressores sobre ele. Ouvem dizer tão frequentemente que não podem aprender nada, que são débeis, preguiçosos e improdutivos que acabam por convencer-se de sua própria incapacidade. (FREIRE, 2005. p.71)

Segundo o pensamento de Freire (2005) são preceitos de inferioridade tão enraizados que se tornam, uma dificuldade para o oprimido levantar a cabeça e provar que é capaz de vencer essas barreiras colocadas pelo opressor.

Por essa perspectiva têm-se uma necessidade moral e social, a fim de desmistificar esses conceitos perpetuados ao longo da história dessa cidade, como o preconceito e a discriminação com as diferentes camadas sociais.

A cidade de Arraias/TO tem uma aparente tranquilidade, mas, quando observada com profundidade e descortinada esta ilusória aparência, é possível enxergarmos que a calma esconde conflitos ocultados e silenciados pelos moradores. (VALADÃO; CERQUEIRA, 2018, p.74)

Carece ter um olhar sobre as diversas faces de Arraias, cidade que viu a glória na sua fundação durante o período aurífero até a Arraias de hoje, com seu potencial histórico riquíssimo, mas com amarrada nas suas contingências gestoras das desigualdades perpetradas.

Conforme ressalta Freire (2011),

Por isso, desde já, saliente-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural e integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época. Esta, por outro lado se realiza à proporção em que seus temas são captados e suas tarefas resolvidas. E se supera na medida em que temas e tarefas já não correspondem a novos anseios emergentes, que exigem, inclusive, uma visão nova dos velhos temas. (FREIRE, 2011, p.61)

Com as palavras de Freire(2011) entendemos a necessidade de aprender com o passado e superar os novos desafios, por isso a importância de uma universidade que valorize o local no qual está inserida e busque atender as necessidades do povo, disponibilizando ensino de qualidade para que todos que nela adentrarem, independentemente de onde vieram, tenham capacidade de construir conhecimento e, assim, de alguma forma, acrescentar algo bom no seu espaço social.

Em vista disso seria injusto não evidenciar as riquezas desse município, na sua maioria constituído por um povo sofrido, escondido atrás de toda opressão e preconceito. Essa população expressa em suas datas festivas uma felicidade imensa que até se esquece das mazelas vividas por ela. O carnaval com entrudo e os festejos religiosos, a pecuária e festa juninas, são épocas que energizam o município. A culinária é outro ponto forte, a paçoca de carne de sol pilada no pilão, o enroladinho, a peta e o bolo de arroz são pontos altos dessa região.

Partindo desse breve contexto sócio histórico de Arraias, caminhamos em busca de evidenciar duas comunidades remanescentes quilombolas deste município, as comunidades Kalunga do Mimoso e a Lagoa da Pedra para termos a compreensão do processo de inserção e permanência dos acadêmicos oriundos dessas comunidades na Universidade Federal do Tocantins, Campus de Arraias.

### 2.3 COMUNIDADES QUILOMBOLAS REMANESCENTES

As comunidades quilombolas são uma das riquezas na história desse município tocantinense, sinônimo da luta e resistência do povo negro. De acordo com Moura (2012, p.70) “O município arraiano é palco de anos de escravidão negra trata-se de um município histórico, predominantemente negro [...]”

Os quilombos são o símbolo da liberdade, coragem e força de um povo que não suportava escravidão, constituídos por negros fugitivos que buscavam lugares de difícil acesso para iniciar uma vida de liberdade e hoje são ferramentas de valorização da cultura riquíssima e costumes desse povo. De acordo com Moura (2012) em sua dissertação de mestrado;

“Sendo assim, acreditamos que entre esse período de exploração do garimpo e a fundação da cidade de Arraias, os quilombos foram sendo formados pelos negros fugitivos que ao descerem do alto da Chapada dos Negros, fundaram as comunidades tradicionais rurais como a Lagoa da Pedra a 35 quilômetros do atual centro de Arraias, ou se dirigiram aos Kalungas; região rica em água e em cerrados que fica há 120 quilômetros de Arraias, na divisa entre os municípios tocantinenses de Paranã e Arraias e os goianos de Monte Alegre, Cavalcante e Teresina. (MOURA, 2012, p.67)

Assim, Moura (2012) evidencia a formação das comunidades remanescentes quilombolas neste município no período do ouro. Para Apolinário (2007, p.32) “Uma das características fundamentais do sistema escravista era a propriedade jurídica sobre o trabalhador cativo. Sendo assim, o homem escravizado era subordinado a outro ser humano”. Ser negro na época do regime escravocrata era sinônimo de sofrimento, de uma batalha diária de sobrevivência tanto do corpo quanto da sua identidade.

Desta maneira, evidenciaremos a importância das comunidades remanescentes quilombolas da região de Arraias, especificamente o Kalunga do Mimoso e Lagoa da Pedra. São comunidades com reconhecimento nacional pela fundação Palmares, órgão que cuida da certificação das comunidades quilombolas em todo território o nacional.

De acordo com o site da Fundação Palmares,

Conforme o art. 2º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, “consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto

atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. ” (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2019)

Desta maneira, é notável a importância da Fundação Cultural Palmares (FCP) no processo de regulamentação, manutenção e proteção das comunidades quilombolas. A FCP, juntamente com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária- INCRA, amparada pelo decreto nº 4887/3 que garante o direito de autodeclaração como o das comunidades quilombolas, dando liberdade e simplicidade ao processo.

Segundo a Fundação Palmares,

Para isso uma reduzida documentação é exigida, de acordo com a Portaria FCP nº 98, de 26 de novembro de 2007: ata de reunião específica para tratar do tema de Auto declaração, se a comunidade não possuir associação constituída, ou ata de assembléia, se a associação já estiver formalizada, seguida da assinatura da maioria de seus membros; breve relato histórico da comunidade (em geral, esses documentos apresentam entre 2 e 5 páginas), contando como ela foi formada, quais são seus principais troncos familiares, suas manifestações culturais tradicionais, atividades produtivas, festejos, religiosidade, etc.; e um requerimento de certificação endereçado à presidência desta FCP.(FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2019).

O Decreto nº4.887/3 garante a liberdade da autodeclaração das Comunidades Quilombolas (CQ). No ano de 2017, cresceu o risco dele se tornar inconstitucional por meio da ação de nº 3239 movida no Supremo Tribunal (STF). Houve uma grande mobilização entre os quilombolas e todos que aderiram à causa da luta pelo respeito dos direitos quilombolas. No ano de 2018, o STF decidiu com a maioria dos votos, manter a constitucionalidade do decreto, sem nenhum limite de tempo.

## **2.4 Lagoa da Pedra e Kalunga do Mimoso**

Tendo como pressuposição que as comunidades quilombolas em questão possuem uma cultura riquíssima desenvolvida por meio da oralidade e da preservação dos costumes e crenças herdadas dos seus antepassados, e

perpassadas por gerações, mantendo a família como um dos pilares desses povos, Teske (2008) enfatiza que,

Como a comunidade vive da agricultura de subsistência, os alimentos produzidos servem para manter as famílias e o excedente é vendido na maior parte das vezes no município de Arraias, para adquirirem o que não produzem como o açúcar, sal e afins, além de eletrodomésticos, como aparelhos de rádio, TV, geladeira e freezer. (TESKE, 2008, p.60)

Tanto a Lagoa da Pedra quanto a Kalunga do Mimoso vivem da agricultura de subsistência, plantando mandioca, milho, arroz, feijão, jiló, quiabo, maxixe, melancia, abóbora, batata doce e produzindo farinha de mandioca. Alimentos que subsidiam a sobrevivência dentro destas comunidades e fora delas, pois alguns produtos podem ser vendidos na região e assim os moradores obtêm uma pequena renda.

#### 2.4.1 Características da Comunidade Lagoa da Pedra

A comunidade quilombola Lagoa da Pedra está localizada a 33 km do município de Arraias/TO. Todos os registros da história desta comunidade são baseados na oralidade. Segundo Teske (2008, p.49), “A comunidade Lagoa da Pedra não possui registros escritos de sua história, sua origem e desenvolvimento”. No entanto, a memória sobre o passado da comunidade é repassada pela tradição oral. É por meio da oralidade que este conhecimento compartilhado fortalece a história, a cultura e a tradição destes povos.

Sobre a sua origem é possível destacar duas versões perpetuadas pelos seus moradores, e de acordo com Farias (2005), membro da comunidade em seu trabalho de conclusão de curso afirma que:

Segundo algumas matriarcas da comunidade a história teve seu início, a partir do senhor Joaquim Machado, pai do Paulino Evangelista Machado e do Vitorino Francisco Machado, este filho fora do casamento do senhor Joaquim. Uma das histórias contadas é a que com a perda do pai, Paulino assumiu as responsabilidades com relação às terras onde moravam. (FARIAS, 2005, p.27)

Farias (2005) ressalta que quando o senhor Joaquim Machado veio a óbito deixou inúmeras dívidas e que somente o seu filho Paulino as pagou, ficando com a terra. Depois de uma negociação os irmãos aceitaram dividir a terra, Vitorino ficou com elas que, atualmente, estão localizadas na comunidade Lagoa da Pedra e

Paulino ficou com a parte que ele habitava desde o início, região que no presente situa-se a comunidade Macaco. A segunda interpretação do surgimento da comunidade é que o único que herdou e ficou com tudo foi o Paulino. A última explicação ganhou destaque em diversas publicações sobre a comunidade, com princípio em 1854.

De acordo com Farias (2005), o nome da comunidade originou-se a partir do momento em que as pessoas tomavam como referência a lagoa com um amontoado de pedras no meio para procurarem suas criações de gado e assim ficou o nome Lagoa da Pedra. Teske (2008) sustenta que,

A ajuda mútua entre as famílias da CQ da Lagoa da Pedra é uma prática comum entre eles. A união e a reciprocidade é uma constante na Lagoa da Pedra, apesar de cada um ter o seu pedaço de terra e viver a sua vida, há uma preocupação de colaboração entre moradores. (TESKE, 2008, p.54)

Essa união e preocupação com o próximo dentro da CQ, fortalece a cultura e tradição desse povo, por meio da dança, música, do conhecimento sobre as plantas medicinais e da forte presença da religiosidade vivenciadas nos festejos e folias. Farias (2005) evidencia que,

Na comunidade da Lagoa da Pedra a religiosidade é um elemento extremamente presente, pois quase todas as manifestações culturais são de características religiosas, como as que seguem, por exemplo: Sússia ou súça é de origem africana; trazida pelos escravos para o Brasil, é caracterizada por música agitada ao som de tambores e cuícas. (FARIAS, 2005, p.33)

Essas manifestações são importantes para a manutenção e preservação desses costumes locais, influenciando as futuras gerações para preservação desse conhecimento ímpar. Com essa presença forte e povo lutador, uma das vitórias para a comunidade foi o documento que garante a Autodeclaração de comunidade remanescente quilombola, sendo uma das pioneiras no Tocantins a receber esta certidão, em setembro de 2004, emitida pela Fundação Cultural Palmares.

#### 2.4.2 Características da Comunidade Kalunga do Mimoso

A CQ Kalunga do Mimoso está localizada a aproximadamente 120 km da cidade de Arraias, em uma região de acesso complicado, no território Kalunga do Tocantins. Kalunga é o gigante território de diferentes comunidades quilombolas que

abrange os estados de Goiás, nas cidades de Cavalcante, Monte Alegre e Terezinha; e no estado do Tocantins nas cidades de Paranã e Arraias.

Baiocchi (1999) sustenta que,

Enfim, os Kalunga habitam os 237.000 hectares de vales, rios e montanhas situados às margens direita e esquerda do rio Paranã que, como no rio Nilo ou Zaire na África, possibilitou a existência e a formação de um povo e de cultura singular. (BAIOCCHI, 1999, p.24)

A palavra Kalunga vem da origem Africana e de acordo com Baiocchi (1999, p.41), “Kalunga para os Kalunga, é um lugar sagrado que não pode pertencer a uma só pessoa ou família. É de todos para horas de dificuldade[...]. Outra versão da palavra surge como explicação vegetal, como havia na região grande quantidade de uma planta de raízes amargas cujo nome é Kalunga, se solidificou essa interpretação na origem do nome da comunidade.

As conquistas foram chegando aos poucos nessa comunidade e a certidão de Auto Reconhecimento de Quilombo foi emitida em 2005, pela Fundação Cultural Palmares. Uma região que amplifica seu saber local por meio do conhecimento dos seus anciãos, permitindo a continuação da sua história. A oralidade está presente na historicidade desse povo, de acordo com Baiocchi (1999, p.38), “A história oral registra quando tudo começou, os primeiros moradores, as migrações sucessivas, a posse da terra, a miscigenação com o indígena.”

Um tortuoso caminho foi traçado ao longo da história dessa comunidade, tanto na solidificação do direito coletivo das terras, quanto da defesa dela com os intensos conflitos agrários com ricos fazendeiros da região. Para Oliveira (2010),

Mas os conflitos e tensões agrárias se tornaram mais potencializados na área depois que foi iniciado o processo de delimitação coletivo, a ser emitido em nome da associação criada para representar o grupo. (OLIVEIRA, 2010, p.73)

A titulação coletiva não foi bem aceita no início, pois alguns moradores haviam comprado ou recebido de herança pedaços de terra na região. Desta maneira muitos que estavam nessa situação não queriam abrir mão do direito individual sobre as terras. A negação como sujeito quilombola ou kalungueiro marcou o início da CQ Kalunga do Mimoso, pois muitos habitantes dessa comunidade não se identificavam como tais, esses termos eram usados

pejorativamente por muitos dentro da comunidade. Vencer esse pensamento foi um desafio.

Oliveira (2010) destaca que,

O caso dos Kalunga do Mimoso implica em um paradoxo central. Se, de um lado a luta pelo reconhecimento produz uma experiência que os aproxima da luta pela cidadania, sobretudo na comparação com os Kalunga de Goiás; de outro, pode-se dizer que a busca da identidade e luta pelo reconhecimento- como remanescentes de quilombolas-, mata o patrimônio dos quilombolas. (OLIVEIRA, 2010, p.83)

A comunidade Kalunga do Mimoso aos poucos vem desmistificando preceitos perpetuados dentro da comunidade, como a individualidade e os conflitos familiares, dando início a uma época de união em busca de melhorias para todos na comunidade.

Superando essa situação com conversas dentro da comunidade de que ser negro e quilombola nunca foi algo ruim, mais sinônimo de resistência, entender a própria história foi essencial.

### 3 CAMINHOS ATÉ A EDUCAÇÃO SUPERIOR

Inúmeros foram e ainda são os desafios enfrentados ao longo da trajetória escolar por diversos estudantes oriundos dos remanescentes quilombos. Iniciar e concluir os estudos dentro dessas comunidades é uma batalha diária entre a resignação e a perseverança.

Em um contexto onde os estudantes necessitam acordar mais cedo que de costume para preparar o tira jejum (café da manhã), caso tenha. Andar quilômetros pelas matas com diversos perigos como cobra, onça e outros, fazer a travessia de rios sozinhos, porque na maioria dos casos os pais não acompanham os filhos até a escola, pois não podem parar os afazeres diários. E depois de tudo isso retorna aos seus lares à tarde cansados e inúmeras vezes sem ânimo para fazer o dever de casa. Uma realidade que aconteceu com muitos estudantes de algumas comunidades como a do Kalunga do Mimoso, e que, por sua vez, ainda acontece na trajetória pelo aprendizado.

No presente momento, a realidade escolar dos estudantes das comunidades destacadas ao longo deste trabalho, apesar de necessitarem de diversas melhorias, pois existem salas de aula lotadas e com infraestrutura precária em relação às escolas do centro urbano, como a falta de energia elétrica e saneamento básico, obtiveram conquistas como o transporte escolar e os próprios prédios escolares, mas com muitos problemas ainda.

A luta para conciliar os estudos com os afazeres da roça ainda permanece no itinerário de muitos educandos dessas comunidades, pois como a vida dentro delas depende do plantio e da colheita, em que o trabalho envolve todo o grupo familiar, estudar para muitos acaba se tornando uma barreira. Assim, nasce o pensamento entre muitas crianças e adolescentes e até mesmo de alguns pais, de que a educação é um investimento a longo prazo e que não traz benefícios no presente dessas crianças e adolescentes quilombolas, crescendo assim o índice de evasão escolar.

Segundo o Ministério da Educação e Cultura (MEC), em relação a Educação Quilombola,

Estudos realizados sobre a situação dessas localidades demonstram que as unidades educacionais estão longe das residências dos alunos e as condições de estrutura são precárias, geralmente construídas de palha ou de pau-a-pique. Há escassez de água potável e as instalações sanitárias são inadequadas. (MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, 2019)

Partindo da conjectura que é um direito garantido por lei ter uma educação de qualidade que respeite a cultura e a tradição desses povos, garantindo sua manutenção e preservação.

As escolas das comunidades quilombolas apresentadas neste trabalho são formadas por turmas multisseriadas, um sistema no qual o educador leciona para alunos de diferentes séries em uma única sala de aula. A CQ Lagoa da Pedra possui uma única escola que pertence à rede municipal de ensino, a Joaquim Aires França, com 14 alunos da Educação Básica e não possui transporte escolar.

A CQ Kalunga do Mimoso possui 3 escolas, e também pertencem ao município: a Escola Nossa senhora da Conceição, que atende 28 alunos da educação infantil até segunda fase; a escola Matas, que atende apenas a segunda fase do ensino fundamental, com o total de 38 alunos; a escola Eveny de Paula que atende a Educação Infantil e a primeira fase do Ensino Fundamental, com 21 alunos. As três escolas contam com o transporte escolar. Essas informações estão de acordo como o censo de 2018 e foram obtidas na Secretaria Municipal de Educação do município de Arraias.

No ano de 2018, foi implantada uma turma de ensino médio na comunidade Kalunga do Mimoso que tem como objetivo preencher uma lacuna no desenvolvimento dos estudantes dessa e das demais comunidades próximas e está funcionando no prédio da escola Eveny de Paula, como um anexo da Escola Estadual David Aires França, também conhecida como escola agrícola.

A inserção dessa turma de ensino médio dará folego para que os estudantes dessas comunidades concluam essa fase e, possivelmente, o ensino superior, pois, até pouco tempo, por não haver essa opção, diversas pessoas acabavam desistindo por não terem condições financeiras de irem para a cidade.

Arroyo, Caldart e Molina sustentam que,

Um dos problemas do campo no Brasil hoje é a ausência de políticas públicas que garantam seu desenvolvimento em formatos adequados à

melhoria da qualidade de vida das pessoas que ali vivem e trabalham. (ARROYO, CALDART e MOLINA, 2009, p.49).

Por isso é preciso pensar uma educação emancipatória, que vem do campo para atender às demandas do sujeito do campo, valorizando seus costumes e tradições, permitindo que este sujeito olhe e seja capaz de compreender e resolver suas demandas.

### **3.1 Quilombolas na UFT- Câmpus de Arraias**

Com todos os obstáculos enfrentados durante toda a educação básica, incontáveis são estudantes quilombolas que superam esse processo e chegam ao Ensino Superior, sendo em diversas situações os primeiros do grupo familiar a iniciar um curso, permanecer e concluir a universidade.

No ano de 2004, a Universidade Federal do Tocantins iniciou o processo de reserva de 5% das vagas para estudantes remanescentes quilombolas e indígenas, a fim de promover maior inclusão dessa parcela da população, sendo uma das pioneiras a adotar esse critério.

Candau (2005) enfatiza que,

Os afro-descendentes são o grupo mais sub-representado entre os que possuem educação superior e média. Daí a importância da promoção de programas que lhes propiciem o acesso, a permanência e uma bem-sucedida formação universitária, em todas as carreiras acadêmicas. (CANDAU, 2005. p163).

A autora destaca a importância de ações afirmativas para a população afrodescendente, a fim de possibilitar a consolidação e reconhecimento de direitos. Desta maneira, a importância de oportunizar a formação emancipatória para esses povos que, ao longo da história e até hoje, são vítimas de uma sociedade de heranças escravocratas, para que por meio da educação eles saibam juntar o que aprenderam dentro da comunidade com o que irão aprender ao longo do ensino superior. Atualmente, na UFT, Câmpus de Arraias, 39 estudantes estão cursando e recebendo o auxílio denominado Bolsa Permanência Quilombola do MEC.

Candau (2005) enfatiza que,

A nossa formação histórica está marcada pela eliminação física do “outro” ou por sua escravização, formas violentas de negação de sua alteridade. Os processos de negação do “outro” também se dão no plano das representações e no imaginário social. (CANDAUI 2005, p.14)

Nesse sentido, a lei 10639/2003 se torna um forte instrumento de luta contra a exclusão: Essa deliberação torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, possibilitando o rompimento das paredes da invisibilidade e do preconceito disseminados em várias situações dentro do ambiente escolar.

No curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, as docentes que se destacaram no envolvimento com os trabalhos dentro das comunidades quilombolas próximos, são Magda Suely Costa, que desenvolve um trabalho de aproximação dos alunos da disciplina de Didática com a comunidade Kalunga do Mimoso. Os alunos dessa disciplina elaboram oficinas para serem trabalhadas dentro da comunidade apresentando ou valorizando algo, respeitando a cultura e a tradição desses povos. A professora Maria Aparecida de Matos, com o projeto da Brinquedoteca Itinerante: Ler, brincar e construir no quilombo, cidade e campo, e com organização do I Seminário de Política para Mulheres e Mulheres Negras, além de diversos outros eventos organizados dentro das CQ Lagoa da Pedra e Kalunga do Mimoso.

É de suma importância que os acadêmicos tenham esse contato com as comunidades quilombolas remanescentes que conheçam e acima de tudo respeitem os seus colegas que vivem nelas.

A jornada desses estudantes remanescentes dos quilombos que ingressam no ensino superior é demasiadamente complexa, uma vez que eles são de famílias com recursos financeiros escassos. Quando chegam ao ensino superior os estudantes quilombolas e indígenas têm direito de serem amparados por políticas afirmativas educacionais que visam possibilitar a permanência dessas pessoas na universidade. O Programa de Bolsa Permanência do MEC que disponibiliza uma ajuda de custo a fim da permanência desses acadêmicos no ensino superior.

O Programa de Bolsa Permanência instituído em 2013 tem por finalidade minimizar as desigualdades sociais, étnico-raciais e contribuir para permanência e diplomação dos estudantes de graduação em situação de

vulnerabilidade socioeconômica das instituições federais de ensino superior.  
(MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, 2019)

Esses programas são direitos adquiridos e se fazem necessários, pois a população negra apesar de anos de abolição ainda sofre com ideais perpetuados por uma minoria burguesa que dissemina pensamentos, de inferioridade e repressão para as classes socialmente abaladas. Lopes (2008, p.204) “Mas as classes dominantes brasileiras, como já dissemos, sempre se mostraram europeizadas. E recorrentemente preocupam-se em transmitir do Brasil uma imagem de país branco.”

## **4 ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA**

Para analisar quais os principais obstáculos enfrentados pelos membros das comunidades quilombolas para o ingresso e permanência na universidade, foi utilizada uma pesquisa de cunho qualitativo que para Richardson (1999, p.80), “os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais[...]” Este levantamento de dados se deu por meio de entrevistas que foram gravadas e transcritas na íntegra com um grupo de estudantes quilombolas que estão cursando ou já concluíram algum curso na UFT, Câmpus de Arraias/TO.

O grupo era formado oito pessoas inicialmente, entretanto, uma pessoa não interagiu na pesquisa e saiu do grupo, explicando que não estava dando conta de conciliar os compromissos. Então, sete apenas as seis pessoas permaneceram e contribuíram integralmente com a pesquisa. As perguntas foram relacionadas às expectativas da inserção e da permanência no ensino superior.

Os participantes da pesquisa são dos cursos de Pedagogia (Licenciatura), Matemática (Licenciatura), Turismo Patrimonial e Socioambiental (Tecnológico) e Educação no Campo-Habilitação Artes e Música (Licenciatura) do Câmpus de Arraias/TO, que concluíram ou ainda estão estudando nesses cursos. Dos 7 entrevistados três deles, concluíram um desses cursos acima. Os participantes dessa pesquisa são das comunidades quilombola, Lagoa da Pedra, Kalunga do Mimoso e Riachão.

### **4.1 Roteiro de Perguntas**

Perguntas apresentadas ao grupo de estudantes quilombolas da Universidade Federal do Tocantins- Câmpus de Arraias:

- 1) Como seus familiares lidaram com a entrada de vocês na Universidade? mais alguém da sua família concluiu ou está cursando o ensino superior?
- 2) Quais são os principais desafios que vocês enfrentaram/enfretam para permanecerem na Universidade?
- 3) Vocês encontraram obstáculos para se ingressarem na Universidade?
- 4) Vocês recebem ou receberam algum auxílio estudantil? Se sim, de que forma ele contribuiu?
- 5) O que você pensa da UFT, Câmpus de Arraias, em relação aos alunos quilombolas?
- 6) Vocês participam ou participaram de alguma organização, movimento dentro da Universidade?

#### **4.2 Resultados da Análise**

De acordo com essas indagações descritas acima, foram analisadas e relacionadas as seguintes respostas do grupo.

Na questão 1, todos os estudantes contaram que os familiares ficaram contentes, que a entrada na universidade foi vista como uma vitória, que tiveram apoio em todos os sentidos dos seus familiares. Alguns deles são os primeiros de sua família a se formarem no ensino superior, considerando algo extremamente valioso levando em consideração o fato de virem de famílias humildes, de virem da zona rural, e de seus pais ou responsáveis não terem conseguido concluir o ensino fundamental. Chauí (1993) enfatiza que,

É na família que se constitui um destino comum, que se elabora um saber sobre o espaço, o tempo, a memória, a transmissão de conhecimentos e de informações, que se compensa a pouca escolarização com outros aprendizados transmitidos oralmente e por contato direto. (CHAUI, 1993, p.144).

Alguns são os primeiros a se formarem no ensino superior, outros já têm parentes próximos, como tios, primos. E interessante destacar que o número de quilombolas que busca uma formação tem crescido, muitas vezes influenciados por alguém que já passou por esse processo. Um estudante enfatiza que,

*“Tanto pra minha família quanto pra mim, foi uma grande conquista poder estar cursando né, um curso superior, tenho uma irmã que já concluiu a graduação e um irmão que está prestes a concluir.”*

Na questão 2, foi citada o preconceito por parte de professores e alunos, algo que acontece ainda em muitas Universidades, instituições públicas. Hoje em dia é um dos principais problemas sociais enfrentados, causando a questão da exclusão, racismo social. Candau (2005) afirma que,

A garantia constitucional do direito à igualdade para todos não impediu a desigualdade de acesso às oportunidades de participação efetiva no contexto da cidadania plena para vasta parcela da população brasileira. (CANDAU, 2005, p.151)

Desta forma, podemos observar a questão da situação financeira como um desafio para a permanência na Universidade. Alguns não trabalham/trabalhavam, os pais não tinham condições de suprir as necessidades da casa (a maioria dos pais dos estudantes mora na comunidade) e buscavam auxiliar os filhos na medida do possível.

Nota-se que alguns estudantes citaram dificuldades em conciliar a faculdade com as obrigações com seus filhos (alguns possuem família já). No entanto, mesmo com a difícil associação entre estudar e cuidar dos filhos, é importante salientar o interesse dos mesmos a continuar estudando, em meio aos obstáculos enfrentados. Outro ponto foi a questão do uso das tecnologias, muitos citam que de início tiveram dificuldades em lidar com essa questão, e falta de informação e esclarecimento por parte da instituição.

Foram relatadas, também dificuldades em assimilar os conteúdos trabalhados em sala. Os estudantes alegaram que existe uma falha no momento de abordar o conteúdo, deixando aí um questionamento; não seria viável a Universidade se atentar mais às dificuldades de cada aluno? Interagir um pouco sobre a realidade e as dificuldades de aprendizagem de cada um? Seria importante essa reflexão.

Abordaram também a questão do deslocamento de ter que sair de sua comunidade, de um ambiente que eles já tinham certo contato, afinidade e terem que ir para um determinado meio que eles não tinham a mínima noção de como seria. Na comunidade tem a questão de serem família, um ajudar o outro, já na cidade é cada um por si, é um desafio para eles. A moradia também se torna um problema, nem todos possuem parentes na cidade, alguns vêm de longe e acabam tendo que pagar o aluguel, sendo que nem trabalho possui. Neste ponto entra a questão da importância da bolsa quilombola e quando demora o processo de auxílio muitos acabam desistindo.

*“Então, os principais desafios que a gente enfrenta é, pra permanecer na Universidade, acho assim primeiramente o primeiro desafio que a gente enfrenta é a questão de quando a gente entra na Universidade a gente ter que sair da comunidade né, do nosso conforto ali, e vir pra cidade né, vir pra uma outra lógica, é, onde na comunidade as pessoas tem aquela questão é, como eu vou dizer, de um ajudar o outro e a gente veio pra cidade onde as pessoas não se ajudam entendeu?, esse é um desafio muito grande, que é o primeiro momento que a gente tá aqui, no segundo momento muita das vezes a gente não tem onde morar, não ter familiar aqui na cidade, e aí a gente muita vez vai ter que pagar o aluguel, é muito complicado da gente viver aqui na cidade sair da nossa comunidade e vir pra cidade e conseguir permanecer na cidade e pagando aluguel, uma vez que a gente vem é outra lógica entendeu, a gente não tem um serviço pra nos trabalhar aqui e a gente não entra na Universidade recebendo bolsa então, a princípio a gente entra com um desafio muito grande que exatamente é essa permanência na cidade.*

*E essa permanência da gente vem também em questão da bolsa né, se a gente não tiver a bolsa, os atrasos na bolsa ela, conta muito com a dificuldade da gente permanecer aqui na cidade estudando entendeu, permanecer no campo, conseguir concluir o curso, muitos tem mesmo recebendo a bolsa acaba desistindo por que não é fácil entendeu, não é fácil, imagina que nois passa, nois passa dois mês sem receber a nossa bolsa, é, o aluguel não espera, as conta não espera, a dificuldade chega, as dívidas encosta entendeu, e muita das vez tem gente que acaba desistindo porque isso é um desafio muito grande que a gente tem enfrentado, é questão de limite financeiro mesmo entendeu?”*

Na questão 3- Relataram várias dificuldades como, por exemplo, não conseguir ser aprovado no vestibular, Enem. Tiveram dificuldades em assimilar esse processo de transição do ensino médio para a faculdade. Para Arroyo, Caldart e Molina (2009), temos o método educacional mais exclusivo do país em ele ao invés de resolver os problemas do analfabetismo, ele o reformula e o reproduz, a partir, do momento que se perpetua a ideia de que o educando é incapaz, que é desprovido de inteligência. Na maioria dos casos ele absorve tal ideia e oculta sua capacidade de superar as situações.

Contam que os professores chegaram a dizer que não seriam, capazes de entrarem na universidade, com preconceito, falta de profissionalismo por parte desses professores de inibirem o estudante, colocando-o como incapaz, diminuindo sua autoestima. Houve a dificuldade na questão de concorrer pelo sistema de cotas, relatam, pois alguns não sabiam desse direito.

*“Sim, reprovei duas vezes no vestibular, mas consegui pelo o Enem”.*

*“Pra mim foi muito difícil entrar na Universidade porque eu não conseguia passar no vestibular pois sou muito ruim em redação.”*

Na questão 4, declararam que receberam a Bolsa Permanência Quilombola, alguns assim que entraram no curso, outros enfrentaram a demora de cerca de dois anos para receberem, desde a abertura dos editais ou de outros processos burocráticos, tendo que depender de ajuda dos familiares durante esse período. Oliveira (2006) considera que,

O direito à educação superior passa necessariamente pelo reconhecimento da cidadania plena do povo negro e por medidas que assegurem a garantia de seu acesso e permanência. Assim, é dever do Estado assegurar efetivamente os direitos à educação da população negra mediante uma política pública explícita que contemple as necessidades dessa parcela da sociedade, para, assim, enfrentar o processo de discriminação social, econômica e cultural contra os negros. (OLIVEIRA, 2006, p.230)

Todos destacaram que este auxílio foi vital para a permanência na Universidade, pois amparou na questão da alimentação, moradia.

*“Recebi durante meu curso a bolsa quilombola. Que me auxiliou de todas as formas possíveis para a conclusão do curso. Houve uma época que essa bolsa supria minhas necessidades na faculdade, em casa com meus dois irmãos (que*

*ainda faziam o ensino médio e não tinham renda) e ainda na roça ajudando meu pai e minha mãe que não moravam conosco. Uma fase difícil que se não fosse a bolsa eu certamente não teria conseguido concluir a faculdade.”*

A questão 5, expôs de maneira geral que a Universidade precisa melhorar em relação aos quilombolas, dar um apoio maior durante o primeiro período, época em que muitos relataram dificuldades. Outro ponto foi o preconceito e racismo na questão de serem pessoas pobres e pretas ocupando um espaço que pelo pensamento retrógrado deve ser somente ocupado por uma elite dominante. A outra questão é em relação à bolsa, muitos relataram que já ouviram comentários como “Só estão estudando por causa da bolsa”.

*“A universidade dar muito apoio para os alunos quilombolas, mas ainda é preciso de pessoas para auxiliar os alunos no primeiro período.”*

Na questão 6, a maioria dos acadêmicos quilombolas do grupo, afirmaram participar de algum movimento dentro do Câmpus como movimento estudantil e fora dele como a Marcha das Mulheres Negras em Brasília, movimento em defesa do decreto 4.887/3 que garante direito a terras quilombolas, do III Encontro de pesquisadores Kalunga em Goiânia. Percebe-se que na maioria dos eventos os movimentos estão relacionados à causa quilombola e racial, desta maneira eles se organizam entre si na defesa dos seus direitos, todavia não excluem quem não é quilombola de se juntarem a causa.

*“Tive a oportunidade de participar de alguns movimentos sim. Marcha das mulheres negras em Brasília. Movimento pelo direito as terras quilombolas também em Brasília.*

*Movimento estudantil, foi uma experiência bastante significativa fazer parte de todos eles.”*

*“É, durante todo meu percurso aí até hoje na Universidade eu já participei de organização como do, é, festival é, gastronômico, primeiro festival gastronômico de Arraias, foi organizado aí pelo curso de turismo, e fora isso outros eventos mesmo da Universidade.”*

Ao concluir essa análise podemos ver que, ao se ingressar na Universidade e em contato com uma educação emancipatória o aluno quilombola transforma de uma certa maneira seu ambiente familiar e social.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscou-se analisar o processo de inserção e permanência dos acadêmicos quilombolas oriundos das comunidades Lagoa da Pedra e Kalunga do Mimoso na Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Arraias, para isso partimos do contexto sócio-histórico-cultural do município de Arraias, caminhando pelas circunstâncias de formação das comunidades remanescentes quilombolas em questão.

Com isso foi possível compreender as fases dessa cidade histórica, que viu sua glória e ascensão durante a sua formação no período aurífero, a uma cidade que ao longo dos seus quase três séculos de história não conseguiu se desenvolver economicamente. Em relação às comunidades quilombolas evidenciados neste trabalho, chegou-se à conclusão de ser um ambiente rico de cultura, sabedoria e tradição de um povo sofrido, que luta há tempos por seus direitos básicos.

Resistência e luta são palavras que definem muito bem a população quilombola que, por sua vez, buscam diariamente melhores meios de sobrevivência em uma sociedade capitalista e preconceituosa. A educação para muitos estudantes vindos dessas comunidades significa oportunidade de mudança, de melhorias para si e para sua comunidade. Isso ficou evidente no resultado da pesquisa, que apesar de todas as adversidades no decorrer da educação básica até a inserção e conclusão do ensino superior, como a falta de recursos, a saudade da família, a dificuldade de adaptação com recursos tecnológicos, muitos acadêmicos de diferentes comunidades superam e finalizam esse percurso, significando orgulho e incentivo às famílias e a toda a comunidade.

Enfim é gratificante ver que apesar de todas as cicatrizes de um período sombrio que foi a escravidão, nasce um povo maravilhoso, rico em sabedoria, coragem que pelejam incansavelmente por uma vida melhor.

## REFERÊNCIAS

- APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. **Escravidão Negra no Tocantins Colonial: vivências escravistas em Arraias (1739-1800)**. 2.ed. Goiânia: Kelps, 2007.
- ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. **Por Uma Educação do Campo**, 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- BAIOCCHI, Mari de Nazaré. **Kalunga: povo da terra**. 1.ed. Brasília: Ministério da Justiça, Secretária de Estado dos Direitos Humanos, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação – MEC. Sistema Bolsa Permanência. Disponível em< <http://sisbp.mec.gov.br/>> 14/06/2019
- BRASIL. Fundação Cultural Palmares -FCP. Disponível em< <http://www.palmares.gov.br/>> 14/06/2019
- CANDAU, Vera Maria. **Cultura(s) e Educação: Entre o crítico e o pós-crítico**. 1. ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 165p.
- CORDEIRO, Rosolinda Batista de Abreu. **Arraias: suas raízes e sua gente**. Goiânia, 1989.
- CHAUI, Marilena. **Conformismo e Resistência: Aspectos da cultura popular no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- FARIAS, Rosana Antônio. **Comunidade Remanescente de Quilombo Lagoa da Pedra-Um estudo de caso**. Arraias: UFT, 2005.
- FREIRE, Paulo. 1921-1997. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**.3.ed. São Paulo: Centauro, 2005.
- FREIRE, Paulo. 1921-1997. **Educação como prática da liberdade**. 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. 1.reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MOURA, Silvia Adriane Tavares. **Nas palmas da capoeira: Resistência Cultural pela Chapada dos Negros/TO (1984 a 2012)**. Dissertação de Mestrado. Goiânia, 2012.

OLIVEIRA, Rosy de. **O barulho da Terra: Nem kalunga nem camponeses**. 1. ed. Curitiba: Progressiva Ltda., 2010.

OLIVEIRA, Rosy de e PIRES, Liberac C Simões. **Sociabilidades Negras: comunidades remanescentes, escravidão e cultura**. Belo Horizonte: Gráfica Daliana LTDA, 2006.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**, São Paulo: ATLAS, 1999.

TESKE, Wolfgang, **A Roda de São Gonçalo na comunidade quilombola Lagoa da Pedra em Arraias(TO): um estudo de caso de processo folkcomunicacional**. Goiânia: Kelps, 2008.

VALADÃO, Erasmo Baltazar e CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. **A Inserção da Universidade Federal do Tocantins no Câmpus de Arraias/TO: conhecimento, oportunidade e inclusão social**. Curitiba: Editora CRV, 2018.